

V ENCUENTRO INTERNACIONAL y IV NACIONAL DE LECTURA Y
ESCRITURA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

COMPETÊNCIA DE ESCRITURA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA
SURDOS: diagnóstico em textos produzidos por alunos surdos do curso de Letras
Libras de uma Universidade Pública do Brasil

Cleide Emília Faye Pedrosa (UFS/UFRN, BRASIL)¹

Universidade Federal de Sergipe/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

GT: 2.La evaluación de la lectura y la escritura y su incidencia en el aprendizaje.

Resumo:

Um dos grandes desafios na educação de surdos, no Brasil, é atender a sua educação bilíngue e bimodal. Contribuindo para o enfrentamento desse desafio, esta comunicação oraltem o objetivo de diagnosticar as características dos textos escritos em Língua Portuguesa como L2 por surdos universitários. Fernandes (2013) defende que ler e escrever são práticas culturais e como tal implicam relações interculturais, pois são experimentadas em contextos coletivos, organizados socialmente. Assim podemos considerar que a vivência bilíngue e bimodal dos surdos não tem contado uma história pacífica em sua educação formal, devido aos elementos linguísticos e contextos culturais diferentes que são implicados nas duas línguas em questão. Os desafios dos choques bimodais de uma língua viso-espacial (Língua Brasileira de Sinais - Libras) com uma língua oral-auditiva (Língua Portuguesa - LP) têm oferecido fortes confrontos metodológicos para o ensino de LP como L2 para surdos. Como a maioria dos procedimentos metodológicos, sejam no ensino de L1 ou L2, envolvem a oralidade como caminho para a escrita, óbvio que há dificuldade em relação ao ensino de LP escrito para os surdos. No desenvolvimento da investigação, trabalharemos com 3 textos coletados da produção de alunos surdos da primeira turma de Letras Libras/Língua Portuguesa como 2ª língua da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, no semestre 2013.2. Os primeiros diagnósticos apontam para uma nítida influência da gramática de Libras na produção escrita de LP por universitários surdos.

Palabras clave: Educação de surdos; Bilinguismo; Línguas de sinais; Língua Portuguesa.

¹CLEIDE EMÍLIA FAYE PEDROSA (cleidepedrosa@oi.com.br), com doutorado e pós-doutorado em Letras, atualmente, é professora de graduação na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Pós-graduação na UFS e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN) no Brasil.

COMPETÊNCIA DE ESCRITURA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2 PARA
SURDOS: diagnóstico em textos produzidos por alunos surdos do curso de Letras
Libras de uma Universidade Pública do Brasil

INTRODUÇÃO

O Brasil tem enfrentado grandes desafios, como outros tantos países, no setor da Educação. E nessas últimas décadas, mais um aspecto se lhe acrescenta: a educação de sua comunidade surda. Esse desafio se configura gigantesco! Não há consenso entre os experts, nem entre os líderes da comunidade surda. Contudo, ultimamente, um aspecto tem se constituído como catalisador de opiniões: a educação bilíngue dos surdos. Defende-se o ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais) para os primeiros anos de alfabetização da criança surda e a incorporação da Língua Portuguesa como L2 para os anos posteriores.

Contribuindo para o enfrentamento desse desafio, esta comunicação oraltem o objetivo de diagnosticar as características dos textos escritos em Língua Portuguesa como L2 por surdos universitários. Sobre a temática, Fernandes (2013) defende que ler e escrever são práticas culturais e como tal implicam relações interculturais, pois são experimentadas em contextos coletivos, organizados socialmente. Assim podemos considerar que a vivência bilíngue e bimodal dos surdos não tem contado uma história pacífica em sua educação formal, devido aos elementos linguísticos e contextos culturais diferentes que são implicados nas duas línguas em questão.

1. EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: PLANOS ATUAIS

A fim de responder a demanda requerida pelo Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, criou-se o projeto “Viver sem Limite”. O projeto, sob a coordenação da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), está organizado em 4 eixos: Acesso à Educação, Inclusão Social, Atenção à Saúde e Acessibilidade. O Plano busca romper as barreiras sociais, pois segundo a Ministra Maria do Rosário, “os limites não são definidos para as pessoas com deficiência pela sua condição individual, mas pela sociedade e pelos limites que estão apresentados, ora pelas barreiras arquitetônicas, de comunicação, de acesso a serviços,

ora nas atitudes” (artigo da ministra in: Brasil, documento, www.pessoacomdeficiencia.gov.br, 2014).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 assinalam que 23,91% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, totalizando aproximadamente 45,6 milhões de pessoas. E neste quadro, segundo a FENEIS² – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, estima-se que entre 15% a 25% dos brasileiros (25 milhões) sejam portadores de surdez adquirida ou congênita.

Na apresentação do Plano, o secretário nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, da SDH/PR, Antonio José Ferreira, detalhou as ações, e os investimentos. Ele considera que este é um momento histórico na vida das pessoas com deficiência, que a partir desta proposta poderão ter mais qualidade de vida. Inclusa, entre as ações na educação, está a oferta de 27 cursos Letras/ Libras para educação bilíngue, na qual a UFRN, uma das pioneiras no nordeste, abriu o curso com 40 alunos dos quais 13 são surdos, e a UFS se insere também com a proposta de seu curso de graduação em Letras Libras com a oferta de 30 vagas, cujo preenchimento beneficiou a comunidade surda, pois 21 alunos³, entre surdos e DA desenharam o nicho ecológico desta primeira turma (dados disponíveis em http://www2.ccv.ufs.br/ccv/concursos/libras2014/resultados/final_internas_aprovados_grupod.htm, consultado em 4 de maio de 2014)⁴.

Este é um fato histórico para esta comunidade que apresenta uma história de silenciamento fonológico e, sobretudo, social. E nos estados do Rio Grande do Norte (RN) e de Sergipe (SE), esta configuração não foi diferente.

Vejamos através do trabalho de Souza (2002), alguns apontamentos sobre esta trajetória do surdo no estado de SE, por exemplo. Segundo a autora, até 1950, as pessoas com deficiências ficavam sob a responsabilidade de médicos psiquiatras. Leiamos um laudo de discurso médico:

² http://www.asgfsurdos.org.br/?page_id=17 – consulta realizada em 11/01/2013, às 13h51min.

³ Esse é um grande feito, pois conforme dados em Souza (2002), até 2002, apenas um surdo sergipano tinha conseguido ingressar no curso superior.

⁴ Cito apenas estas duas universidades porque minha contribuição se insere nesses dois contextos.

1.Laudos Exame mental: O paciente não compreende nada do que se lhe diz. Não possui nenhuma capacidade de expressão. Profundo déficit intelectual. Quadro típico de idiotia. Diagnóstico psiquiátrico: oligofrenia e idiotia c. 2 of. 1952

Em 1921, o senador sergipano, Carvalho Neto, pronunciou-se a respeito do que ele chamava de a “educação dos anormais”. Em 1962, surge a *União Sergipana de Assistência Clínica e de Reabilitação* Ninota Garcia. Em 1968, criou-se a *Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais* (APAE). A *Escola 11 de Agosto*, em 1970, é apontada como a primeira que representa a implantação da Educação Especial em Sergipe. Mas, por outro lado, os cursos para professores somente foram ministrados em 1995. Este quadro demonstra as condições dessa educação, considerando que os professores só começam a receber formação adequada, duas décadas depois.

É em 1991 que nasce a *Associação de Pais e Amigos do Deficiente Auditivo* (APADA). Outra instituição que pode ser indicada é a *Associação de Surdos de Sergipe* (ASSE), na década de 90, e apresenta como objetivo a integralização do deficiente auditivo na sociedade e no mercado de trabalho, o mesmo acontecendo com a ASNAT (Associação de Surdos de Natal, fundada em 1994)⁵. Entre os Centros e Associações também podemos indicar o papel do CAS (Centro de Apoio ao Surdo), presente em vários estados da federação.

Em Sergipe e no Rio Grande do Norte, como em outros estados do Brasil, as diferentes filosofias que tratam da educação dos surdos – oralismo (desenvolvimento da fala em pessoas surdas), comunicação total (uso de sinais, gestos e oralismo) e bilinguismo (uso de língua de sinais na primeira fase de escolarização e uso da língua oficial oral do país), decorreram, nessa trajetória, também envolvidas em altercações e controvérsias. Com instituições, de um lado, argumentando em prol da sinalização, e, do outro lado, profissionais ligados à área da saúde e também parte dos educadores defendendo a oralização. No meio, os surdos com seus silenciamentos e suas lutas sociais, e hoje seu “grito” maior é pela educação bilíngue. Assim, no contexto pedagógico, a metodologia bilíngue preconiza que o surdo deve entrar em contato primeiramente com sua língua materna (L1) – Língua Brasileira de Sinais, e como segunda língua o Português escrito.

⁵ Contudo desde 1985 existia a ADARN – Associação de Deficientes Auditivos de Rio Grande do Norte, que posteriormente se tornou ASNAT.

É nesse conjunto, de histórias mal vividas que se constituem a língua, a cultura e as identidades surdas.

2METODOLOGIA

No desenvolvimento da investigação, trabalharemos com 3 (três) textos coletados da produção de alunos surdos da primeira turma de Letras Libras\Língua Portuguesa como 2ª língua da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, no semestre 2013.2. Dos 40 alunos, 13 são surdos e sua língua (Libras) é a Oficial do Curso. Os textos coletados são de 1 rapaz e 2 garotas, os três com faixa etária até 25 anos e de família com até 3 salários mínimos⁶.

Desenvolvemos, a fim de coletar os dados da pesquisa, um questionário. Além dos itens para traçar o perfil sócio-escolar do aluno\aluna, solicitamos que estes contassem um pouco de sua trajetória no processo educacional – esse era o foco principal; pois, inicialmente, esta coleta atendeu ao objetivo de trabalhar com a caracterização do sujeito surdo e sua(s) identidade(s) no contexto mais amplo da história da educação brasileiro no que diz respeito à inclusão do surdo no sistema. No entanto, com esta proposta atual, buscamos atender o objetivo de diagnosticar as características dos textos escritos em Língua Portuguesa como L2 por surdos universitários.

3.A EDUCAÇÃO BILÍNGUE: DIAGNÓSTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITO COMO L2

3.1 A educação bilíngue do surdos

A concepção de linguagem tem mudando com o tempo e as teorias que a estuda. Ponderações sobre o que é linguagem, sobre qual é o seu papel na constituição do sujeito e do conhecimento movem, em todas as épocas, teorias linguísticas, filosóficas, teorias das ciências cognitivas e também das ciências sociais. Esta capacidade inerentemente humana de significação se apresenta como uma competência específica para a produção e decodificação dos signos, mediações lógicas entre nós e os objetos

⁶ O salário mínimo, no Brasil, é de R\$ 724,00 (setecentos e vinte e quatro reais), ano referência é de 2014.

que pertencem ao mundo da experiência, consentindo, por meio dessa faculdade de linguagem, a produção dos significados constituídos culturalmente (Fernandes & Correia, 2012).

Desse modo, aceita-se que todos os homens e mulheres são portadores da capacidade da linguagem, independente de falarem uma língua natural oral-auditiva (como Português, Espanhol, Chinês), ou de utilizarem línguas naturais gesto-visuais (como Libras, ASL, Língua de Sinais Colombiana), a menos que sejam acometidos de patologias que interfiram na comunicação verbal. A língua, por sua vez, é uma noção que sugere que a capacidade de linguagem se atualiza em um material concreto, disponível culturalmente, uma língua natural.

Tinha-se, no passado, a concepção de que o atraso de desenvolvimento do surdo, seu acesso lento e incompleto ao pensamento abstrato ou seus déficits cognitivos eram devidos à sua limitada capacidade linguística. Outra argumentação era de que o atraso de desenvolvimento linguístico no surdo poderia ser devido a pobreza de experiências comunicativas (Caquette, 1973 apud Goes, 2012). Os estudos frequentemente especificavam mal as condições linguísticas do sujeito surdo.

Goes (2012) traz, para seu texto, o posicionamento de Vygotsky (retomado na década de 1980), quando este reitera a questão dos processos de compensação, na noção de plasticidade, em contraponto à noção de falta que articulavam ao surdo. Ver a criança não como tendo possibilidades a menos, mas como tendo possibilidades diferentes. Defende-se ainda, neste contexto, que a linguagem depende do uso efetivo dos signos, de qualquer forma de sua realização (sons, sinais, etc).

Pelo contexto educacional brasileiro, evocado na Lei 10.436 de 2002⁷, e sua regulação através do decreto de 2005⁸, a comunidade surda deve ser exposta a duas línguas, Libras e Língua Portuguesa para o desenvolvimento efetivo da linguagem. Ela, obviamente, sofrerá maior influência da Libras (status de língua materna) na constituição de sua consciência social, mas que, seguramente, a Língua Portuguesa e o

⁷BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências, DF, 2002.

⁸BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

convívio com a sociedade brasileira à qual pertence também desempenharão influência na constituição de sua subjetividade.

3.2 Apropriação da escrita por surdos e diagnóstico da escrita de surdos universitários

Silva (2003) chama a atenção para a maneira peculiar com que as crianças que nasceram surdas ou perderam a audição precocemente desenvolvem a linguagem e especificamente como se apropriam da escrita da uma língua oral de sua nacionalidade. Afirma:

A produção escrita do aluno surdo mostra várias marcas, a saber, da língua oral que ele conhece, principalmente, via leitura labial; da própria escrita, com a qual esse sujeito entra em contato na escola durante seu processo de alfabetização; e da Língua de Sinais que faz parte de seu cotidiano, sobretudo, se ele vive em contato com outros surdos (Silva, 2003, p. 115).

Contextualizados pela citação acima, vejamos adiante os textos dos alunos universitários que servirão de base para o diagnóstico que anunciamos fazer. A fim de que os estudantes produzissem o texto, orientamos o seguinte:

Narrativa do “eu”

Abaixo, por favor, narre sua vida escolar e sua inclusão social (familiar, religiosa, trabalho, comunidade etc). Se você já foi ou é professor@ de ouvintes, explicar desafios, o que é difícil, etc:

Textos:

- 1- COMECEI A ESTUDAR EM UMA ESCOLA PUBLICA, EM OUTRA CIDADE POIS NA MINHA CIDADE, NÃO FOI ACEITO NAS ESCOLAS POIS O DIRETOR DA ESCOLA NÃO ME ACEITOU POIS OS PROFESSORES NÃO SABIAM COMO LIDAR COM MINHA DEFICIÊNCIA, POR ESTE MOTIVO ESTUDEI SEMPRE EM OUTRO MUNICIPIO, TERMINEI OS MEUS ESTUDOS E SEMPRE FUI UM ACEITO, POIS EU SEMPRE BUSQUEI CONQUISTAR O MEU ESPAÇO, NA FAMILIA APESAR DAS DIFICULDADES, O QUE PODIAM FAZER POR MIM FOI FEITO, A MINHA FAMILIA A DA RELIGIAO CATÓLICA, FUI APOIADO POR MINHA FAMILIA, MINHA MÃE É PROFESSORA E MINHA INCLUSÃO COM A SOCIEDADE LOCAL, NÃO É MUITO BOA, POIS A CIDADE É PEQUENA E AS PESSOAS NÃO SABEM SE COMUNICAR COMIGO, NUNCA TRABALHEI, MAS AJUDEI A OUTROS SURDOS A APRENDEREM A SE COMUNICAR, ATRAVÉS DE TRABALHOS SOLIDÁRIO, OS DESAFIOS SÃO ARANDES MAS COM DETERMINAÇÃO CHEGAREI AO MEU OBJETIVO (sujeito masculino)⁹
- 2- A vida hoje é difícil pra tudo, mas temos que enfrentar esse desafio pra sobreviver na sociedade que tem preconceito com deficiente, mas é possível conquistar tudo que deseja com força de vontade. A minha vida na escola foi muito difícil porque fui excluída na sala por amigos e professores por tem dificuldade de aprendizagem e só conseguir aprender a ler e escrever porque

⁹ É comum os surdos escreverem em caixa alta. O texto foi conservado como enviado pelo aluno surdo.

minha mãe pagou uma aula particular, então acredito que nem toda família tem condições de pagar uma aula por fora. Atualmente curso ciências contábeis por vocação e vontade de tem uma carreira fixa e letras libras para mostrar que os surdos são capazes tem aprenderem e basta os professores oferecerem uma educação especial. (sujeito feminino)

- 3- Estudei uma escola privado uma sala inclusão ouvintes, foi maior dificuldade, mas lutei até chegar 3 anos, Trabalhei 3 empresas na UNP, Unimed e agora no Correios concursado. Minha família tem maior orgulho de mim porque os surdos tem capacidade desenvolver como eu cheguei entrar a faculdade e emprego. Nunca fui ser professora. (sujeito feminino)

3.2.1. Diagnóstico

Levantaremos três diagnósticos principais nos textos apresentados pelos universitários surdos do curso de Letras\Libras e Língua Portuguesa como L2 da UFRN.

a-Diagnóstico das construções verbais

Texto 1: “NÃO FOI ACEITO NAS ESCOLAS”;

Texto 2: “...fui excluída na sala por amigos e professores por tem dificuldade de aprendizagem; só conseguir aprender a ler e escrever porque minha mãe pagou”; “Atualmente curso ciências contábeis por vocação e vontade de tem uma carreira fixa...os surdos são capazes tem aprenderem.”

Texto3: “Nunca fui ser professora.”

b-Diagnóstico da concordância de gênero

texto 3:Estudei uma escola privado uma sala inclusão ouvintes; Trabalhei 3 empresas na UNP, Unimed e agora no Correios concursado.

c- diagnósticos da pontuação

texto 1: não uso do ponto final a cada período. Prefere o uso de vírgula para marcar as unidades semânticas.

texto 2: faz um bom uso da acentuação, principalmente o ponto final para marcar os períodos.

texto 3: o uso da vírgula em alguns casos substitui o ponto final.

3.2.2. Discussão

Nos comentários gerais (além de nossa própria pesquisa, nos embasamos em resultados de pesquisas de Lacerda &Lodi, 2010; Fernandes, 2013; Silva, 2003; Gesueli, 2003; entre outras), podemos destacar o uso peculiar de categoriais funcionais da Língua portuguesa (como verbos, auxiliares, preposições e conectores em geral). Há a ausência de alguns elementos relacionais; embora possamos apontar que esses alunos surdos,por algumas pistas linguísticas de seus textos, são oralizados, pois conseguem marcar algumas conjugações verbais, aspectos, de um modo geral, bem difíceis para o

surdo (texto 1: ..DIRETOR DA ESCOLA NÃO ME ACEITOU ESTUDEI SEMPRE ... NA FAMÍLIA APESAR DAS DIFICULDADES, O QUE PODIAM FAZER POR MIM FOI FEITO, MAS COM DETERMINAÇÃO CHEGAREI AO MEU OBJETIVO. Texto 2: ...A minha vida na escola foi muito difícil porque fui excluída na sala por amigos e professores...minha mãe pagou uma aula particular. Texto 3: Estudei uma escola privado uma sala inclusão ouvintes, ...Trabalhei 3 empresas.) e conseguem trabalhar com conectores (texto 1: COMEÇEI A ESTUDAR EM UMA ESCOLA PUBLICA, EM OUTRA CIDADE POIS NA MINHA CIDADE... POR ESTE MOTIVO ESTUDEI SEMPRE EM OUTRO MUNICIPI.. NUNCA TRABALHEI, MAS AJUDEI A OUTROS SURDOS A APRENDEREM A SE COMUNICAR...Texto 2: A vida hoje é difícil pra tudo, mas temos que enfrentar esse desafio ...A minha vida na escola foi muito difícil porque fui excluída na sala por amigos e professores Atualmente curso ciências contábeis por vocação e vontade de tem uma carreira fixa e letras libras. Texto 3: Estudei uma escola privado ... foi maior dificuldade, mas lutei até chegar 3 anos, Trabalhei 3 empresas na UNP, Unimed e agora no Correios concursado. Minha família tem maior orgulho de mim porque os surdos tem capacidade desenvolver.

É preciso ter conhecimento de como os surdos lidam com LP como segunda língua a fim que não nos cause estranhamento. É também necessário que, em alguns pontos do texto, saibamos que precisamos preenchê-lo, não só com os aspectos sintáticos, mas também com informações culturais (conhecimento de mundo). Vejamos o que acontecem com o texto 3 e a necessidade de seu preenchimento:

Estudei (em: preenchimento) uma escola privado uma sala inclusão ouvintes, foi (a: preenchimento) maior dificuldade, mas lutei até chegar 3 anos (concluir os três anos de ensino médio no Brasil: preenchimento), Trabalhei (em: preenchimento) 3 empresas na UNP, Unimed e agora no Correios concursado (através de concurso público: preenchimento). Minha família tem maior orgulho de mim porque os surdos tem capacidade (de: preenchimento)(se: preenchimento) desenvolver como eu cheguei (a: preenchimento) entrar a (em+a = na: preenchimento) faculdade e (em+o = no: preenchimento) emprego.

Em suas produções, os surdos demonstram que ainda estão se apropriando da gramática normativa da língua, mesmo já estando cursando uma graduação. Tudo isto como espelho de uma história educacional inadequada. Reforço esse parecer com Silva (2003, p. 121): “*Input* linguístico pouco adequado, por não terem sido expostos de maneira efetiva a um tipo de linguagem convencional (o português ou a Língua de Sinais) desde a mais tenra idade” traz reflexo na escrita do aluno surdo.

4. CONCLUSÃO

A educação de surdos no Brasil passou e passa pela exclusão. Só recentemente é que este quadro vem se ajustando, contudo ainda estamos longe de atingir plenamente os objetivos propostos tanto pelas comunidades surdas como pelas políticas governamentais. E quando estas não se coadunam então o problema se agrava e os ajustes travam. Assim, vê-se que há um caminho a percorrer, mas espera-se que não seja tão longo quanto o foi até o presente.

Os surdos, por décadas, tanto em ambientes escolares quanto em familiares não tiveram acesso à sua língua. Assim, quando, tardiamente, são escolarizados e expostos também a língua oral de seu país, sua apropriação não ocorre satisfatoriamente, seja por posicionamentos políticos metodológicos diferentes seja por falta de prática escolar adequada e por falta de profissionais competentes. Gesser constata este fato ao nos explicitar que a escrita de surdo é “uma escrita com marcas de identidade surda, de um ‘português surdo’, em que suas impressões da história ficam respaldadas por sua própria maneira de escrever e pela forma que entendem o mundo” (Gesser, 2002, p. 97).

Esperamos que o diagnóstico que fizemos, seja mais uma referência em prol da mudança do status desse quadro que ainda se encontra em rascunho.

5. REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Eulalia; CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. (2012). Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, Eulalia (Org.). *Surdez e bilinguismo* (Cap.1, pp.7-26). 6ª ed. Porto Alegre: Mediação.
- FERNANDES, Sueli (2013). É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In: SKLIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos: interfaces entre pedagogia e Linguística* (Vol2, cap 5, pp. 59-82). 4ª ed. Porto Alegre: Mediação.
- GESSER, Audrei (2002). *O ouvinte e a surdez*. São Paulo: Parábola editorial.
- GESUELI, Zilda Maria (2003). Língua de Sinais e aquisição da escrita. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (Orgs.). *Cidadania, surdez e linguagem* (Cap8, pp. 147 – 159). 4ª ed. São Paulo: Pleuxus Editora.

- GOES, Maria Cecília Rafael de (2012). A experiência escolar e a linguagem: fragmentos da história de uma jovem surda. In: _____. *Linguagem, surdez e educação* (cap.4, pp. 81- 88). 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de, LODI, Ana Cláudia B (2009). Ensino-aprendizagem do português com segunda língua. In: LODI; Ana CláudiaB; LACERDA, Cristina B.. F (Orgs.). *Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização* (Cap. 9, pp.143 – 160). 2ª ed. Porto Alegre: Mediação.
- SILVA, Ivani Rodrigues(2003). Considerações sobre construção da narrativa pelo aluno surdo. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria (Orgs.).*Cidadania, surdez e linguagem*(Cap. 7, p.115-146). 4ª ed. São Paulo: Pleuxus Editora.
- SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. O século XX e o surdo em Sergipe. Anais do congresso da [Sociedade Brasileira de História da Educação](http://www.sbhe.org.br) - [SBHE](http://www.sbhe.org.br), 2002. Disponível em: [sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0736.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0736.pdf), acessado em 03/05/2014, às 18h30.

Resumen Hoja de vida

CLEIDE EMÍLIA FAYE PEDROSA, doutorado e pós-doutorado em Letras, atualmente, é professora de graduação na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Pós-graduação na UFS e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN) no Brasil. Autora e coordenadora de disciplinas na UAB (Universidade Aberta do Brasil), educação à distância. Com trabalhos publicados na Espanha, Colômbia, Chile e Venezuela.